

“Retomando a pintura (e a briga) ”

ARAÚJO. Olívio Tavares de. São Paulo: Galeria de Arte Global, 1977
(catálogo da exposição).

Depois de muitos anos ausente do circuito de galerias – embora presente em circuitos paralelos e na atividade didática –, Maurício Nogueira Lima volta a expor sua pintura recente. A circunstância, evidentemente, não impõe o dever de apresentá-lo. Afinal Maurício atuou intensamente numa época áurea da criatividade brasileira – o concretismo da década de 50 – e deixou marcado com nitidez o seu percurso. Foi, na verdade, um dos pioneiros absolutos do movimento, e co-pensou as bases de uma arte fundamentada na construção e na razão. Ainda há pouco, aliás, entrevi em suas anotações atuais uma que poderia ser datada da época: "Uma arte concreta com emoções seria um disparate". Isso mesmo, disparate. Também o jogo com palavras faz parte do comportamento ao qual Maurício volta a ser fiel. Não nos escapem certos títulos de seus quadros, como "Cor-T", ou ainda o "PAN-fletário" em seu depoimento.

Tudo isso sucede, no entanto, após um período (de 1964 a 1970) em que Maurício Nogueira Lima esteve afastado voluntariamente do concretismo. Em função de experiências vitais traumatizantes, ele se voltou, nessa época, para uma figuração cujo parentesco mais próximo seria com a pop-art: altos contrastes, retículas, aproveitamento de imagens relacionadas (ou extraídas) à sociedade de consumo. Mas é bom que se saiba que as motivações foram distintas. No caso de Maurício, não houve influência da *pop-art* (que ele nem conhecia), e sim de uma antiga experiência profissional com artes gráficas. Mais ainda, sua fase figurativa teve um caráter nitidamente participante, desenvolvendo-se sempre numa linha de crítica de ideias e tomada de posições. Foi nesse período que ele integrou nosso envio à Bienal de Tóquio, como representante de uma tendência que Frederico Morais (o

comissário) denominava "uma objetividade brasileira". Ainda Frederico: "Importa-lhe basicamente alcançar a informação objetiva e imediata, com o mínimo de entropia. Sua pintura atual liga-se ao cartaz publicitário, às revistas em quadrinho, enfim à semaforização do urbano e aos veículos comunicativos de massa" (1967).

Essa rápida lembrança de um interregno contrastante parece-me necessário sobretudo para interrogar e compreender a nova pintura de Maurício. Se não lhe podemos negar certa comunicação objetiva (na medida em que continua a lidar com signos basicamente despidos de afetividade ou subjetivismo), é certo que Maurício não mais pretende falar sobre quaisquer assuntos específicos. Ao retomar os fundamentos concretistas, voltou a praticar uma arte que em certos momentos chega a ser considerada elitista. Mas não é este, por certo, o propósito de um artista como Maurício – um ser humano tão perceptivelmente preocupado com o próximo, com o diálogo, com a vida imediata, e não apenas com especulações sobre questões abstratas. Chego a perceber, inclusive, certas discrepâncias entre uma conversa direta com ele (toda feita de emoção) e o depoimento fixamente lúcido que registra neste catálogo. É também Maurício quem me confessa, quase em segredo, o prazer que sente, por exemplo, em fazer um desenho figurativo ao acaso, ou sugestões de paisagens, bastante distintas da disciplina presente nas pinturas. Seria esta última apenas uma auto imposta decisão?

Não propriamente. Mais uma vez a explicação se encontra no plano da vivência pessoal. Para Maurício Nogueira Lima, os últimos três anos significaram o reinício de um trabalho criador ao nível de pintura, especificamente. Significaram também um reencontro consigo próprio, com seu antigo saber fazer artesanal, um reexame de consciência. E nada mais lógico do que ter ele procurado balizar seu novo voo com um sistema cuja eficácia já havia provado a si próprio: sua contribuição ao concretismo. Na própria ideologia do movimento encontrou a estabilidade necessária para quem reconstrói um itinerário.

Mas o Maurício Nogueira Lima de 1977 não é o mesmo de 1952. Nesse ponto, tenho a impressão de que seu auto-axioma quanto ao "disparate" já não é tão verdadeiro. Na própria ausência de um programa para a presente série de trabalhos, encontro os sinais denunciadores de sua maior liberdade criadora, cujo futuro não se pode prever. Cada quadro atual nasce de uma ideia autônoma e por si, e, inclusive, até de eventuais sugestões de formas da realidade, o que seria impensável num concretismo ortodoxo. Contou-me Maurício, por exemplo, quantas vezes observou encantando, em viagens por hoteizinhos do interior, as dobraduras em cobertores e lençóis – das quais já extraiu "inspiração" (colo aspas, devido à alta periculosidade da palavra). E a busca de uma regra construtiva, nesse instante, se equilibra em Maurício com um gosto "optical" que parte e se destina à excitação dos sentidos – e não apenas da razão. Por tudo isso, sinto-me autorizado a dizer que Maurício Nogueira Lima, no presente momento, retorna a pintura, mas faz dela seu ponto de partida. Não é um artista historicizado que volta por comodidade ou hábito ao passado. É um artista novo, que sai em busca de um caminho, e parte para a briga. Embora seja uma briga em alto nível: o do mundo das formas e ideias.